CEDEM
X
3657

CEDEM
X
3657

NOTAS DE UM REVOLTOSO

NOTAS DE UM REVOLTOSO

(DIARIO DE BORDO)

Documentos Authenticos

PUBLICADOS

PELO

" Commercio de S. Paulo "

A folha de maior tiragem do Estado de S. Paulo

RIO DE JANEIRO
Typ. Moraes, rua de S. José n. 35

1895

I

Preliminares de uma revolta

Alea jacta est! A revolta da marinha está decidida: não é mais possivel recuar. O papel que a armada vai representar na historia patria é daquelles que glorificam e ennobrecem. Acabar com o jugo despotico do marechal Floriano, anniquilar o elemento militar, para sobre as suas ruinas estabelecer um governo civil que torne a paz definitiva neste nosso bello torrão, fazer, finalmente, do Brasil um paiz livre, onde cada cidadão tenha o direito de exprimir o seu pensamento, sem que se veja constrangido na sua liberdade, tal é o programma inscripto em nossa bandeira, tal é a missão que toma sobre si a marinha brasileira.

Na noite de 12 de Agosto, reunimo-nos, em assembléa geral, no Club Naval, sob a presidencia do barão de Jaceguay, com o fim de assentarmos um plano de ataque aos navios. Era proposital essa reunião francamente annunciada: julgavamos que, assim procedendo, o governo nenhuma desconfiança teria dos nossos verdadeiros intuitos.

Está claro que, nessa assembléa, não expuzemos

as nossas intenções. Fizemos com que fosse dissolvida, sem que ficasse nada resolvido, e, logo depois, todos aquelles officiaes que haviam sido previamente avisados, reuniram-se na sala do 2° andar do Club, e ahi se constituiram em *Comité* revolucionario.

Deliberámos fazer o movimento nessa mesma noite. A occasião era, com effeito, opportuna. Dous vapores do Lloyd estavam de fogos accesos, promptos para conduzirem os officiaes para bordo dos navios de guerra. Os commandantes das torpedeiras tambem se achavam a postos, e, no *Riachuelo*, estava de quarto um official de nossa inteira confiança. Na bahia, fundeava toda a esquadra, e, uma vez senhores della, tinhamos certeza da victoria.

Entretanto, nada se fez nessa noite. Porque?

Dóe-me confessal-o, mas, ao escrever estas notas, sob a impressão do momento, não posso faltar á verdade, por mais dolorosa que seja para mim, que estou resolvido a fazer o sacrificio de minha vida em favor da Patria, tão cruelmente devastada pela tyrannia de um verdugo.

Se, á hora em que escrevo estas linhas, não estamos no mar, desfraldando a bandeira da revolta, é que a nossa classe se esqueceu da divisa belga: *L'union fait la force*. Em vez de pormos de parte antigas dissensões, para nos reunirmos todos debaixo do mesmo pensamento, não chegámos a um accôrdo e démos até ensejo ao governo de ter conhecimento dos nossos planos!

A reunião do *Comité* era presidida pelo capitão de mar e guerra Frederico Guilherme de Lorena.

Foi quanto bastou para crear uma desharmonia que concorreu, e muito, para o mau exito do movimento. O presidente do Club Naval, na auzencia do effectivo, almirante Wandenkolk, que se achava preso era o capitão de fragata Alexandrino de Alencar vice-presidente que, em consequencia de inimizades pessoaes com o Sr. Lorena, julgou-se offendido e declarou que se desligava dos seus collegas.

Depois de perdido algum tempo com esse incidente, ficou resolvido, ás 11 horas da noite, convidar-se o almirante Custodio José de Mello como chefe do movimento.

Cumpre aqui consignar que a maioria da officialidade era contraria á escolha desse almirante, que gosava de poucas sympathias e inspirava limitada confiança.

Preferiamos o almirante Saldanha da Gama, cuja competencia é incontestavel; mas, a despeito de reiterados convites, sempre se negou, pois dizia que só seria chefe da revolta, no *momento psychologico*.

Resolvida a escolha, foi designado o 1° tenente Mattos para ir a casa do almirante Mello dar conta do resultado da reunião e acompanhal-o a bordo. Mas o almirante não se quiz expôr a ser preso. O governo, com effeito, já tinha sido avisado de tudo por alguns *amigos*, socios do Club, que tinham assistido á assembléa geral e que não receiaram trahir os seus companheiros.

A casa do almirante estava cercada por secretas. Se elle sahisse áquella hora da noite, despertaria sus-

peitas e seria preso, prejudicando assim o movimento, sem nenhum proveito.

Ficou, pois, adiada a revolta. E por culpa de quem? Do almirante Mello, que não se quiz expôr a uma prisão inevitavel? Não, por certo. Os culpados são os que, não sabendo reprimir despeitos antigos, sacrificaram a causa do paiz, já porque promoveram uma assembléa geral, accessivel a todos os socios, entre os quaes havia alguns desleaes que, embora não tenham sido admittidos á reunião secreta, della, entretanto, tiveram conhecimento e deram parte ao governo; já porque, tendo sido tomadas todas as providencias para o bom exito da revolta, a noite passada, perderam um tempo precioso em estereis discussões, deixando assim escapar o momento opportuno,— e quem sabe se este jamais tornará a offerecer-se?

Agora, mais do que nunca, estou convencido de que foi um erro grave não termos hasteado o pavilhão da revolta no dia 13, tanto mais quanto, na bahia, se achavam fundeados o *Riachuelo*, o *Aquidaban* o *Republica*, o *Tiradentes* e outros.

E agora?

Agora, isto é, em fins de Agosto, o marechal Floriano, julgando fazer abortar para sempre qualquer movimento revolucionario por parte da marinha, deu ordem de enfraquecer e até mesmo de inutilisar os vasos de guerra,—o que mostra a sua inepcia, ou, antes, a sua falta de patriotismo, pois ninguem tem o direito de destruir os elementos de defeza de uma nação. O *Tiradentes* seguiu rumo de

Montevidéo, o *Riachuelo* foi para Toulon, o *Aquidaban* está no dique, com a machina inutilisada. O marechal quiz até tirar-lhe a helice, mas recuou deante de uma *Varia do Jornal do Commercio*, que denunciava o facto, accentuando que o pessoal technico do arsenal era contrario a similhante previdencia.

Para o sr. vice-presidente, todos os meios são bons para conseguir os seus fins, até mesmo a corrupção. Por isto, comprou o mestre do *Riachuelo*, pela somma de 5:000$ em ouro, para ter mais um bajulador do seu despotismo...

Mas o sr. marechal illude-se, se julga ter feito assim abortar de todo o plano da revolução. Ainda não desanimámos; pelo contrario, continuamos a trabalhar, para levar a effeito o movimento, e, desta vez, sem receio de alguma traição. Está até marcado o dia...

II

O dia 6 de setembro

Até que emfim chegou o dia, por nós tão anciosamente esperado, de desfraldar o pavilhão branco da revolta, symbolo da santa causa que defendemos! Estamos a 6 de setembro e vamo-nos bater pela liberdade...

Hontem, 5, ás 5 horas da tarde, conforme havia sido combinado, achavam-se os alliados reunidos *casualmente* á porta da casa Lacurte, na rua do Ouvidor Se alli apparecesse o 1° tenente Belfort Guimarães, não tinhamos mais do que seguir para bordo, pois a presença desse official era a senha para o movimento, sem que fosse preciso trocarmos palavras inuteis. Effectivamente, tudo se passou como fôra previsto.

A's 4 horas da tarde, já o 1° tenente Firmino Ayres de Moraes Ancora, commandante do frigorifico *Pallas*, havia ido buscar, em um estabelecimento da rua do Ouvidor, a farda do almirante Mello, dirigindo-se em seguida para a Praça Municipal, onde aguardou a chegada do chefe do movimento.

A's 5 horas da tarde, este, conjunctamente com os 1°s tenentes Firmino, (já citado), Ribeiro Graça e

Belfort Guimarães e o commissario Alves de Paula, tomou um escaler guarnecido por pessoal de confiança, pertencente á tripulação do *Pallas*, e dirigiu-se a bordo do *Venus*, onde encontrou a lancha *Tecla*, que o levou, finalmente, para bordo do *Aquidaban*.

Fica assim destruida a crença de que o almirante Mello esteve no *Theatro Lyrico*: quem lá esteve foi o sr. Lorena. O chefe do movimento embarcou á luz do dia, e não durante as trevas da noite.

E' bom deixar aqui consignado este pequeno ponto do historia cuja veracidade não póde ser contestada.

Achava-se de quarto, a bordo do *Aquidaban*, o 1° tenente Mello Moraes, que, depois de alguma hesitação e de uma *pequena... objecção*, que foi logo *sanada* pelo 1° tenente Graça, resolveu-se afinal a entregar o navio. Mas declarou que talvez o *Aquidaban* não se pudesse mover, por faltarem algumas peças da machina.

A' vista disso, o almirante, embarcando de novo na lancha, dirigiu-se para bordo do *Republica*, cujo commando já havia sido assumido pelo capitão-tenente Lara.

Ahi, apezar de ter declarado, no seu manifesto á Nação, que não almejava o poder, o almirante foi obrigado a assignar uma declaração formal nesse sentido, o que prova falta de confiança na sua pessoa. Consigno o facto sem commental-o.

Assignada a declaração exigida, resolveu-se — pois isto não foi iniciativa do almirante — que s. exc. voltasse de novo para o *Aquidaban*, onde estava hasteado o seu pavilhão.

Reunida toda a guarnição, em fórma, no tombadilho, o tenente Mello Moraes exhortou-a á revolta, dizendo-lhe que concorreria para a liberdade do almirante Wandenkolk e apresentando-lhe depois o almirante Mello. A marinhagem deu vivas a esses almirantes.

Durante o dia o 1º tenente Pinta foi a Santa-Cruz entregar ao commandante desta fortaleza uma carta do almirante Mello, cujo teor é conhecido.

O commandante, antes de dar a sua resposta, reuniu os seus officiaes e com elles conferenciou. A conferencia durou muito tempo, o que faz suppor que houve animada discussão. Afinal, o commandante veiu declarar ao sr. Pinta que elle permanecia fiel ao governo constituido. Mas, immediatamente, os capitães Pinto Peixoto, Guahyva, Por Deus e tenente Schamlabrecher, por sua vez, declararam-se a favor da revolta, sendo por isso presos e mais tarde submettidos a conselho de guerra.

Um facto se deu, depois, que tem grande alcance. Em conversa particular, os demais officiaes confessaram, com effeito, que permaneciam fieis ao governo do marechal Floriano, unicamente por ser chefe do movimento revolucionario o sr. Custodio de Mello, que não lhes inspirava confiança. Se o chefe fosse o sr. Saldanha da Gama e este quizesse forçar a barra, elles simulariam a resistencia, atirando apenas com polvora secca.

Não é curiosa esta confissão e não vem ella derramar um pouco de luz sobre os factos que se deram durante a revolta?

A' tardinha do dia 5, e não alta noite, como foi narrado nesta folha, o tenente Vinhaes, os deputados Seabra, Anfrisio Fialho, Jaeques Ourique e Retumba, major Gentil Eloy de Figueiredo, os capitães Miranda Carvalho e Santos Teixeira e o coronel Sebastião Bandeira embarcaram em uma lancha, no caes da Egrejinha, em São Christovam, e dirigiram-se para bordo do *Aquidaban*.

Pelo seu lado, e para não suscitar suspeitas, o dr. Dermeval da Fonseca e outras pessoas, entre as quaes o fiel de armazem da Alfandega do Rio, Joaquim Augusto Freire, hoje 1º escripturario e tambem capitão honorario do exercito, embarcavam no caes da Gloria.

Foram todos recebidos a bordo do navio-chefe, e alli, depois de tomarem conhecimento do manifesto do almirante Mello, decidiram os deputados presentes dirigirem um appello á Nação.

Suscitou-se então uma duvida. Quem levaria á imprensa esse documento assignado pelos deputados?

— Quem? Eu! disse o sr. Freire, que para arredar qualquer suspeita, protestou a sua dedicação pela causa da revolta.

As suas declarações foram feitas com tal calor e pareciam tão sinceras, que não se hesitou em confiar-lhe o precioso documento, aproveitando até alguns deputados o *fiel* portador para levar a terra algumas communicações particulares. A tudo se prestou obsequiosamente, o sr. Freire que, depois de esperar algum tempo condução conseguio, ir para terra.

Mas ahi em vez de cumprir o que promettera e

fôra acceito na melhor boa fé, dirigiu-se para o arsenal de guerra, onde se entendeu com o capitão Thomaz Cavalcanti, foi ao Itamaraty e tudo denunciou ao marechal.

Este, depois de ouvil-o, auctorisou-o a executar a commissão de que fôra incumbido, o que effectivamente fez.

Talvez cause estranheza o nosso procedimento, confiando uma commissão tão importante a uma pessoa que não conhecíamos sufficientemente.

Bastará, porém, narrar os antecedentes, para tornar comprehensivel e desculpavel o nosso acto.

O sr. Freire era, com effeito, ou dizia-se, amigo do dr. Dermeval da Fonseca, cuja confiança soubera captar por tal fórma, que este, illudido, convidou-o para tomar parte no movimento revolucionario.

Senhor do que se preparava, o sr. Freire nunca mais abandonou o *seu amigo*, acompanhando-o até a bordo do *Aquidaban*.

Uma cousa me admira: é que não nos tivesse atraiçoado mais cedo.

Nessa mesma noite de 5 para 6, a officialidade do Batalhão Naval, aquartelada na Ilha das Cobras, e que, com excepção dos primeiros tenentes Francisco Sampaio e Adolpho dos Santos, estava todo comnosco, resolveu, de accordo com os respectivos sargentos, passar para bordo da esquadra.

No dia 6, chega ao quartel o commandante, capitão de mar e guerra Eliezer Coutinho Tavares.

Os officiaes communicam-lhe a resolução que haviam tomado e convidam-no para acompanhal-os.

O commandante vacilla, vê-se-lhe no rosto que a vontade é pouca para adherir ao movimonto. Eis, porém, que surge sua corajosa esposa e, vibrante de emoção, diz-lhe :

—Vamos, cumpra o seu dever: siga os seus companheiros de armas!

Como por encanto, o commandante, passada a hesitação, declara que podem contar com ollo, mas accresconta ao mesmo tempo que ia conferenciar com o ministro da marinha.

O batalhão, formado no pateo do quartel e decidido a tudo, aguarda a chegada dos batelões para passar para bordo, mesmo sem o seu commandante. Mas eis que o *Republica* aprôa á Ilha das Cobras e ahi fundêa: o batalhão põi-se em marcha... Virá o commandante ?

Vem, sim: eil-o ahi já. Julgou do sou dever communicar o occorrido ao ministro da marinha, e este, fosse inepcia, fosse convicção de que o capitão Eliezer não iria a bordo, deixou-o partir tranquillamente.

Occorre outro facto commovento.

Ao pôr-se em marcha o batalhão, surge uma senhora om prantos e, atirando-se aos pés do primeiro tenente Fontoura, pede-lhe, supplica-lhe que não vá, que não a abandone. O bravo official não attende aos rogos da esposa: acima de tudo, o dever, e ello juro u seguir os seus companheiros.

A mulher cai então com um ataque emquanto o batalhão continúa a sua marcha e com olle o tenente Fontoura...

Transportado para bordo do frigorifico *Venus*, o Batalhão Naval ahi estabelece o seu quartel, e o commandante Eliezer, chamado para chefe do estado-maior do almirante Mello, passa o commando ao tenente Franco.

Nesse dia, 6, houve mais um incidente curioso que consignei cuidadosamente nas minhas notas, pois é bom pôr em relevo o que os jornaes officiosos com tanto cuidado esconderam ou negaram.

Emquanto na Ilha das Cobras o batalhão ia embarcando, o então contr'almirante Coelho Netto, chefe do Estado-Maior da Armada, dirigia-se, em uma lancha, a bordo do *Aréthuse*, e ahi não só communicava que a esquadra se havia revoltado, mas—cousa incrivel!—pedia para o governo do marechal o apoio da esquadra extrangeira!

O almirante francez, passado o primeiro assombro, respondeu a tão insolito pedido que nada tinha com as cousas do Brazil e que estava alli apenas para salvaguardar os interesses de seus compatriotas. E, com effeito, que outra resposta poderia dar?

O pobre contr'almirante fez as suas continencias, desceu para a lancha e ia voltando para terra, quando avista uma lancha nossa... Julga-se perdido, dá ordem de executar uma falsa manobra e põi-se ao largo, sem que os da lancha, que, aliás, ignoravam quem alli fosse, pensassem siquer em perseguil-o.

Mas como é que, no dia 6 de setembro, se achavam fundeados na nossa bahia tantos navios de guerra extrangeiros? Seria simples acaso? Não! O acaso precisa muitas vezes de quem o auxilie, e havia um

mez que o sr. Custodio de Mello tinha amigavelmente prevenido o corpo diplomatico, aqui acreditado, de que era imminente uma revolta, e os ministros em peso communicaram aos seus governos o que havia, inclusivé o sr. conde de Paço d'Arcos que foi o unico cujo procedimento as folhas officiosas tiveram a coragem de condemnar, quando, afinal elle não fizera mais do que o seu dever.

A fabula do Lobo e do Cordeiro ha de ser eternamente verdadeira !...

III

A bordo do Aquidaban

O *Aquidaban* é commandado pelo capitão de fragata Alexandrino de Alencar; immediato, o capitão-tenente Pinto de Sá; estado-maior do almirante Mello: chefe, o capitão de mar e guerra Eliezer Coutinho Tavares, secretario, o 1° tenente José Nunes Belfort Guimarães e ajudante de ordens guarda-marinha Manoel Marques Couto; officialidade: 1°s tenentes Mello Moraes, Camisão de Mello, Delfino Lorena, Pedro Velloso Rebello, Horacio Coelho Lopes, Ledoino Castello Branco e Octacilio de Almeida; medicos: capitão de fragata dr. Galdino Magalhães e dr. Bicalho Hungria; commissario, Francisco Alves de Paula; chefe de machinas Ernestino Moura.

Acham-se a bordo os deputados Anfrisio Fialho, Jacques Ourique, Seabra, Retumba e Augusto Vinhaes, tenente do batalhão Academico Pardo Vieira, capitão João dos Santos Teixeira, o tenente-coronel Sebastião Bandeira, o general Maciel da Costa, dr. Dermeval da Fonseca, dr. Climaco Barboza, Manoel Lavrador, capitão Miranda de Carvalho, major Gentil Eloy de Figueiredo, João Augusto Ferreira Lima, dr. Carlos Barrão, major Norberto d'Amorim Bezerra e Fernando de Castro, reporter do *Jornal do Commercio*.

A's sete horas da noite do dia 8, regressou de Nictheroy o 1° tenente Belfort Guimarães, sendo portador da resposta do presidente do Estado á carta do almirante que o convidava para uma conferencia a bordo do *Aquidaban*. Este, depois de a ler e reflectir alguns instantes, metteu-a no bolso, sem communicar cousa alguma do seu conteúdo ás pessoas presentes, o que muito nos sorprehendeu.

Contou-nos então o nosso collega Belfort o que com elle occorrêra em Nictheroy. Ao approximar-se da ponte de S. Domingos, e, embora levasse içada, á prôa, a bandeira de parlamentar, as forças de terra começaram a fazer fogo. Afinal, conseguiu dar a conhecer a sua qualidade de parlementar, desembarcou e dirigiu-se sem demora ao palacio do presidente. Não o encontrando ahi, foi-lhe offerecido, pelo dr. Martins Torres, vice-presidente, o carro do commandante da força policial, que o levou á secretaria da Policia, onde se achava o dr. Porciuncula. Este, depois de ter tomado conhecimento da carta do almirante Mello, pediu ao 1° tenente Belfort que aguardasse a sua resposta, visto tratar-se de assumpto de grande importancia, o que fez logo suppôr ao nosso collega que o dr. Porciuncula ia conferenciar, pelo telegrapho, com o marechal Floriano.

Emquanto esperava, interrogou os militares presentes e assim se convenceu de que a estes não era sympathica a revolta. O coronel Fonseca Ramos chegou mesmo a declarar que, embora o dr. Porciuncula cedesse o governo, elle resistiria até á ultima.

A's 11 horas da noite, o almirante reso'veu-se a

ler-nos a resposta do prsidente do Estado do Rio, mas nada disse sobre as suas intenções.

Afinal, vim a saber que o programma do almirante era forçar a barra e operar no Sul...

As mesmas informações eram exactas. Passados dias, o almirante Mello convocou com effeito, uma reunião dos commandantes dos navios e expoz-lhes o seu plano de fazer sahir para o sul uma divisão. Todos reprovaram esse plano com excepção do valente commandante do *Uranus*, Costa Mendes.

Confiante na opinão deste, o almirante declarou que assumia toda a responsabilidade da sua resolução e designou para forçarem a barra o *Republica*, o frigorifico *Pallas* e a torpedeira *Marcilio Dias*.

A officialidade do *Republica* estava composta do seguinte modo : commandante da divisão, o capitão de mar e guerra Frederico Lorena; commandante, capitão tenente Candido Lara; immediato, 1° tenente Alvaro Ribeiro Graça; officiaes, 1os tenentes Arnaldo Sampaio, Manoel Pacheco de Carvalho Junior e 2° tenente Piragibe. Achavam-se tambem a bordo os drs. Manoel Lavrador e Pires Ferreira Filho, e o capitão Miranda de Carvalho.

Na madrugada de 16 de setembro, a divisão, commandada pelo capitão de mar e guerra Lorena, levantou ferro e investiu contra a barra. Mas só o *Republica* conseguio transpôl-a. O *Pallas*, com effeito, apezar do heroismo de seu commandante, 1° tenente Moraes Ancora, teve de retroceder, já em frente a Santa Cruz, por ter o machinista, propositalmente ou

por medo, não se sabe, feito andar o navio para traz. O mesmo se deu com a *Marcilio Dias*.

Afinal, talvez fosse melhor assim, pois a torpedeira não estava abastecida das munições de bocca e de carvão necessarias para uma viagem até Santa Catharina, descuido este incomprehensivel.

No dia seguinte, os commandantes do *Pallas* e da *Marcilio Dias*, 1os tenentes Moraes Ancora e Monteiro de Barros, eram substituidos pelos 1os tenentes Pio Torelli, e Francisco de Mattos, deputado pela Bahia.

Nessa mesma noute, tomadas desta vez todas as providencias, ambos os navios forçavam a barra em demanda do sul, sem que soffressem a menor avaria.

E' interessante transcrever aqui um pequeno episodio. A' vista do que se dera na noute anterior com a pusillanimidade do machinista do *Pallas*, o tenente Torelli, homem valente e destemido, antes de mandar suspender ferro, dirigiu-se á tripolação nestes termos pouco mais ou menos:

—Marinheiros, temos que forçar a barra, haja o que houver. Se, no momento de passarmos deante das fortalezas, algum de vós comprometter a sahida do vapor, dou-lhe um tiro na cabeça e arremesso o *Pallas* sobre a muralha de Santa Cruz: ou sahimos ou morremos.

Ao passar deante das fortalezas, o sr. Torelli, para mostrar o pouco caso que dellas fazia, descarregou em pessoa uma das metralhadoras, dando vivas á esquadra libertadora.

A' vista do bom resultado que tivera a sahida

da primeira divisão, composta do *Republica*, *Pallas* o *Marcilio Dias*, resolveu o almirante Mello tentar de novo forçar a barra com o *Meteóro*, que, para este effeito, mandou armar em guerra, confiando o seu commando ao 1° tenente Monteiro de Barros.

Tendo o sr. Ancora declarado, em consequencia do incidente do *Pallas*, que só volveria a servir activamente na esquadra se lhe fosse dado forçar a barra com outro navio, confiou-lhe o almirante Mello o commando nautico do *Meteóro*, para dar-lhe uma prova de que nunca puzera em duvida a sua coragem e o seu patriotismo.

Para arredar qualquer suspeita, o 1° tenente Monteiro de Barros foi com o seu navio para o fundo da bahia, onde, em pleno dia, fez experiencias da machina.

Uma noute, sem avisar a ninguem e já de posse das instrucções do almirante Mello, o *Meteóro* suspendeu ferro e foi navegando a meia-marcha.

Ao passar pelo *Aquidaban*, deu-se a conhecer, desenvolveu toda a marcha e passou deante das fortalezas quasi sem ser percebido, recebendo no tombadilho uma unica bala que feriu levemente alguns marinheiros, mas sem fazer estragos materiaes.

IV

A machina infernal

Durante os longos mezes que durou a lucta em que nos empenhámos e em que fomos vencidos, devido a circumstancias que exporei mais tarde, um dia não se passou sem que as folhas do governo, desnaturando todos os factos e commentando-os pelo seu prisma, nos cobrissem das maiores injurias que se pódem lançar em rosto a um homem, para poderem assim incensar, no altar por ellas erguido, o seu deus, o seu idolo: o marechal Floriano Peixoto.

Mas, felizmente para nós, cada qual neste mundo tem a sua vez, e, já que posso agora dizer toda a verdade, quero contar um episodio, que, em seu tempo, foi qualificado de boato mentiroso, de calumnia, mas que o futuro historiador desse periodo da historia patria poderá, sem receio de errar, estampar no seu livro.

Em uma tarde de setembro, estavamos á mesa do jantar, o almirante Mello, varios paizanos e officiaes, entre elles, eu, quando se approxima do almirante o official de quarto e lhe entrega um embrulho.

—O que é isto? pergunta-lhe aquelle.

— E' um objecto que um estrangeiro acaba de vos trazer, dizendo que para isso tivera ordem de um paizano, no caes Pharoux—respondeu o official.

—Bem ! Ponha ahi.

—Pois V. Exc., observou o deputado Jacques Ourique, recebe objectos de pessoas desconhecidas? Quem sabe o que ahi haverá? Talvez seja alguma cilada.

— Qual ! disse, por sua vez, o capitão de fragata Alexandrino.

E, levantando se, dirige se para perto do almirante, desembrulha com cuidado o objecto, e vê-se, então, que são as «Consultas do Conselho de Estado», se me não falha a memoria, sahindo-lhe de dentro duas fitas terminando em rotulos de papel, com estas palavras : *Piratas*, *Belligerantes*.

Mas, ao desembrulhar, cai um *pó amarellado e preto*, que desperta a attenção do almirante.

— Não vá ser alguma machina infernal ! observa o coronel Jacques Ourique, cuja desconfiança salvou a vida do almirante. Seria melhor, antes de abrir o livro, mergulhal-o nagua. Se dentro houver alguma materia explosiva, ficará assim inutilisada.

O conselho foi seguido em bôa hora. Passado algum tempo, a suspeita transformou-se em certeza: era, com effeito, uma machina infernal, engenhosamente feita, que alguem enviára ao almirante.

Todas as folhas do livro e a capa estavam grudadas, e, no centro desta, havia sido recortado um

buraco. Era ahi dentro que estava depositada a dynamite e a polvora. As duas marcas eram as espoletas. O plano era tão machaivellico como simples.

Na Camara, acabava de ser discutida calorosamente a questão de votar uma lei considerando-nos como piratas. O almirante recebia o livro de legislação e via as duas marcas com as palavras *Piratas, Belligerantes*. Presumia que algum amigo lhe enviára o livro, para estudar a questão, puxava pelas marcas e dava-se a explosão.

Felizmente, a tampa da capa que escondia a dynamite estava mal grudada, e assim deixou passar um pouco de polvora, que veiu dar o signal de alarma.

Acto continuo, lavrou-se uma acta, que foi assignada por todas as pessoas presentes e, no dia seguinte, o primeiro-tenente Belfort Guimarães, secretario do almirante, levou a infame machina infernal e a respectiva acta a todos os navios de guerra extrangeiros surtos no porto.

A impressão causada foi a mais desagradavel possivel, admirando-se todos de que um governo apregoado legal se servisse de meios proprios de assassinos para abafar a revolução da armada brasileira, que, esta, se batia lealmente, á luz do dia, com as armas empregadas pelas nações cultas.

Mais tarde, soube-se que o marechal Floriano esteve em determinado ponto do littoral, aguardando o effeito do seu instrumento de destruição, e é natural que não pudesse conter um impeto de co-

lera, ao ver que, mais uma vez, os seus planos abortavam desastrosamente.

Digam agora as pessoas de bem: de que lado estavam os assassinos, como estampavam as folhas do governo? A bordo da esquadra, ou no palacio do Itamaraty?

V

O plano do almirante Mello

E' crença muito espalhada que, ao dirigir-se para bordo do *Aquidaban*, na tarde de 5 de setembro, o chefe do movimento revolucionario não levava nenhum plano de ataque e ia jogar tão importante cartada, fiado apenas no acaso e convicto de que o marechal Floriano daria a sua demissão. Esta crença basêa-se em dous factos principaes: primeiro, não ter tentado um desembarque immediato em Nictheroy, que, nos primeiros dias da revolta, estava sem forças para oppor qualquer resistencia; segundo, não ter ido tomar a fortaleza de Santa Cruz, por terra. Feitas estas duas operações, dizem os que assim pensam, a victoria era certa.

E' caso para se citar o celebre verso de Boileau :

La critique est aisée, mais l'art est difficile

E, com effeito, os que criticam tão acerbamente o nosso almirante e o presentêam com um diploma de incapacidade, ignoram, sem duvida, a verdade dos factos e as enormes difficuldades que resultaram de uma ordem mal executada. Em uma guerra, basta

ás vezes uma pequena contrariedade para derrubar os planos mais sabiamente combinados e transformar a victoria em derrota. Foi o que se deu comnosco.

O plano assentado era o seguinte:

Em terra, turmas espalhadas em diversos pontos, ao longo da Estrada de Ferro Central e sob a direcção do dr. Manoel Lavrador, deviam arrancar os trilhos *depois* da passagem do ultimo trem dos suburbios do dia 5; de maneira que o governo só pudesse ter conhecimento do facto, na manhã de 6, quando o mal já estivesse feito e que, para remedial-o, fossem precisos alguns dias. Durante este tempo, o 1° regimento de cavallaria, com o qual contavamos, fiados nas promessas feitas pelos *portellistas* do Estado do Rio, sublevava-se; o povo, que, pelo menos em palavras, era a nosso favor, manifestava a sua opinião; e, nestas condições, era possivel tentar um desembarque e apanhar o governo de surpreza.

Bastou, porém, um pequeno erro para fazer abortar completamente este plano. O dr. Manoel Lavrador, que, seja dito de passagem, garantira ao almirante a coadjuvação de muitos figurões politicos de S. Paulo e Rio de Janeiro e que é homem valente e activo, mas tem o defeito de prometter mais do que póde, o dr. Lavrador, com effeito, em vez de seguir á risca as instrucções do sr. Vinhaes, mandou a primeira turma arrancar os trilhos, *antes* que passasse o ultimo trem.

E o que adveiu dahi? O trem, não podendo continuar, voltou para a Central, e o marechal teve assim

communicação immediata do occorrido, tomando logo providencias que abafaram o movimento em terra.

O almirante Mello que, é um pormenor curioso este, fôra para bordo sem dinheiro ; durante todoo tempo que esteve na bahia, nunca recebeu um vintem de terra; e que, quando mais tarde resolveu enviar um emissario ao Rio da Prata, afim de se entender com o commandante do cruzador *Tiradentes* e o sr. Silvoira Martins, teve de recorrer ao tenente Vinhaes que logo poz ao seu dispor os seis contos que levara comsigo ; o almirante Mello, dizemos nós, resolveu, á vista deste insuccesso, ir para o Sul, pois bem sabia que o marechal resistiria. Não se priva diariamente com um homem, sem acabar por conhecer o caracter, por mais dissimulado que seja, e o almirante tivera occasião de conhecer bem de perto o dictador.

Era tão insensato esse plano, no começo da revolta ? Não o creio. O almirante, com os elementos de que dispunha, facilmente poderia tomar o Rio-Grande e os outros portos, operando de accôrdo com as forças federalistas em terra.

E porque não o fez ?

Por causa da atttitude singular tomada pela fortaleza de Villegagnon e pelo almirante Saldanha da Gama.

Historiemos os factos.

A fortaleza de Ville agnon era commandada pelo 1° tenente Sylvio Pellico Belchior, na ausencia do contr'almirante Carlos de Noronha, que havia

solicitado a sua exoneração e nunca alli voltou, para não se envolver — dizem — no movimento revolucionario.

Arvorada a bandeira da revolta, o commandante declarou-se neutro, acompanhando assim o procedimento do almirante Saldanha, a quem era dedicado.

Um simples capricho de sympathia pessoal bastou, pois, para comprometter o exito da revolução.

E, de facto, o almirante Mello não podia seguir para o Sul, sem que Villegagnon se manifestasse; pois, do contrario, seria entregar aquella fortaleza nas mãos do marechal Floriano, que tanto sabia avaliar as vantagens que para elle resultavam dessa *neutralidade*, que continuou a enviar viveres e dinheiro á guarnição de Villegagnon. Se a esquadra tivesse sahido barra fóra, aquella fortaleza ter-se-ia declarado a favor do governo: é este um ponto capital sobre o qual julguei dever insistir.

Entretanto, tudo fez o almirante para captar as sympathias do tenente Sylvio. Apezar de toda a sua *neutralidade*, este mandava, com effeito, todas as noites, uma lancha a bordo do *Aquidaban* levar os boatos de terra, dizer que se fallava em um assalto á fortaleza e pedir-lhe auxilio. O sr. Mello deu logo ordens para que as torpedeiras rondassem e protegessem Villegagnon.

Quando se deu o incidente com a lancha em que se achava o consul italiano, sendo nessa occasião morto pelas forças de terra um marinheiro daquella nacionalidade, o *Aquidaban* achava-se no canal entre Gragoatá e Villegagnon, justamente para proteger

esta fortaleza. Entretanto, esta protecção por um triz não traz consequencias desagradaveis. Com effeito o almirante francez,sr. Libran, furioso de que algumas balas de terra houvessem cahido perto do logar onde se achava fundeadaa esquadra extrangeira,enviou ao almirante um fficio em toom rude, dando a entender que, para fazermos operações contra terra, nos abrigavamos atraz dos navios extrangeiros. O nosso chefe respondeu no mesmo tom, dizendo que para ser patriota e valente não era preciso ser cidadão francez. O incidente,por felicidade,não teve outras consequencias.

Mas não pararam ahi os serviços prestados pelo almirante Mello ao tenente Sylvio. Este, todas as vezes que iamos á Armação, escrevia bilhetes ao nosso chefe, pedindo munições de toda a sorte, que eram sempre enviadas, muitas vezes em prejuizo da esquadra, que ficava com poucos recursos.

E como correspondeu o tenente Sylvio a tantas attenções? Não permittindo que o pessoal da lancha do *Aquidabân* passasse da ponte e communicasse com a guarnição, que estava impaciente por pelejar ao nosso lado. E, quando as balas de terra sibilavam por cima da fortaleza e iam cahir nos nossos navios, o tenente Sylvio assistia impassivel a este espectaculo e continuava a tirar partido da sua posição vantajosa. Foi preciso que o governo, sentindo-se já fraco não mais mandasse dinheiro e viveres a Villegagnon para que esta hasteasse, finalmente, o pavilhão branco da revolta! Mas já era tarde...

Com effeito, já não era mais possivel tomar

Nictheroy, com probabilidade de victoria, — o aqui chegamos á primeira das censuras feitas ao almirante Mello, de não ter operado, logo no começo, um desembarque naquella cidade.

Mas como poderia tel-o feito? Tinhamos apenas 300 marinheiros navaes, com os quaes podiamos contar. Os outros pertenciam á navegação mercante e nenhuma pratica tinham das cousas da guerra. Desembarcar com tão pouca gente era deixar desguarnecidos os navios; e, uma vez em terra, como poderiamos manter as nossas posições?

Se Villegagnon estivesse desde o começo comnosco, era um reforço de 700 homens valentes como leões que nos permittiria levar a effeito a tomada de Nictheroy.

«E Santa Cruz? Porque a não tomaram por terra?»

Quem assim fala não conhece a posição daquella fortaleza, que, dominada por um pico onde ha uma bateria, é inexpugnavel por terra. Tentar similhante expedição seria sacrificar inutilmente vidas preciosas. A unica cousa a fazer era tomal-a pela fome. No começo, tentou-se impedir da passagem da lanchinha que abastecia diariamente a fortaleza. Mas o coronel Pedro Alves queixou-se disso, e o almirante teve a fraqueza de accedor á queixa, unicamente para prestar mais um serviço ao tenente Sylvio, pois receava que, para se desforrarem, as forças de terra por sua vez não deixassem navegar a lancha que abastecia Villegagnon.

Passemos agora á ilha das Cobras.

Já tive occasião de dizer que o almirante Saldanha da Gama era o chefe preferido pela maioria dos officiaes, e varias vezes fôra instado pelo capitão de fragata Alexandrino e pelo primeiro tenente Pedro Velloso para se pôr á testa do movimento, recusando-se sempre a isso por não ter chegado o momento *psychologico*, phrase textual que citei no capitulo I.

Declarada a revolta, o almirante Saldanha, cumprindo o que promettêra, por intermedio do primeiro tenente Sylvio Pellico, conservou-se neutro, e nesse sentido hasteou o seu pavilhão a bordo do *Liberdade*. Na Ilha das Cobras, depois da partida das 250 praças do Batalhão Naval, nenhuma guarnição ficou.

O sr. Saldanha soube aproveitar-se dessa neutralidade, que nos foi tão prejudicial quanto a sua cooperação mais tarde. Içou, com effeito, na Ilha das Enxadas, a bandeira da Cruz Vermelha e ahi estabeleceu um hospital de sangue, onde eram recebidos os feridos da esquadra, declarando, porém, que não seriam restituidas as praças que tivessem alta. Para este serviço, tinha diversas lanchas que navegavam livremente pela bahia, e que, de noite, para serem reconhecidas pela esquadra e pelas forças de terra, levavam luzes branca, azul e encarnada em triangulo.

Seria, porém, faltar á verdade, —e não é este o meu intuito—attribuir unicamente o nosso desastre á neutralidade da fortaleza de Villegagnon e do sr. Saldanha da Gama. Outras causas contribuiram para

isto, que me pesa confessar, mas que, entretanto, é meu dever divulgar, para que não se julgue que escrevo sob o dominio de cega paixão.

Essas causas são as desavenças que existiam entre os proprios officiaes, dos quaes alguns menosprezavam as ordens do chefe do movimento.

A bordo do *Aquidaban*, o capitão de fragata Alexandrino procedia a seu bel-prazer. Paraproteger o seu navio, fel-o cercar de lanchas, rebocadores e torpedeiras, que,durante a noite,percorriam a bahia em correrias vertiginosas e em pouco tempo ficaram inutilisados,tanto mais quanto as ultimas não tinham pessoal habilitado.

Além disto, eram taes as desharmonias entre o sr. Alexandrino e o capitão de mar e guerra Eliezer Tavares,que a permanencia deste a bordo do *Aquidaban* se tornou impossivel.

Para regularisar o serviço, dividiu então o almirante Mello a esquadra em duas divisões, a 1ª composta do *Aquidaban*, do *Republica* e do *Trajano*, e a 2ª, dos demais vasos de guerra e dos frigorificos, sendo nomeado para o commando desta o sr. Eliezer Tavares, que ficava encarregado da distribuição dos viveres e das munições.

Mas nem assim se conseguio evitar os attritos: as rivalidades continuaram, com grande prejuizo da causa que pleiteavamos. Quando o sr. Alexandrino, cuja valentia está fóra de duvida, não gostava de um official, encarregava-o de commissões tão arriscadas, que estas foram por nós denominadas *commissões de suicidio*.

Outro erro grave foram os *bailes*. Démos este nome, não só aos tiroteios nocturnos com as forças do littoral, como ás expedições á Armação, para retirar munições. Muita valentia, muito pouco amor á vida, mas pouco ou nenhum resultado para o bom exito da revolução.

Não se dirá, á vista do que ahi fica narrado, que não sei avaliar os erros commettidos. Mas o historiador imparcial ha de por sua vez confessar que estes erros foram o melhor auxiliar para a facil victoria do marechal Floriano Peixoto.

VI

Primeiros dias

Neste meu diario de bordo, onde vou consignando os acontecimentos, á medida que delles tenho noticia ou nelles tomo parte, não ha a menor pretenção a coordenal-os na ordem de um livro, segundo um plano longamente meditado. Por isto, muitas vezes acontecerá ter eu de retroceder, para preencher lacunas, muito naturaes nas circumstancias anormaes em que nos achamos, o relatar factos anteriores que, ou por esquecimento, ou por ignoral-os na occasião, não passei para este meu diario, que só tem uma pretenção: ser a transcripção fiel do que se passou, sem procurar esconder ou mascarar a verdade.

Assim é que, só com data de 15 de setembro, encontro o seguinte:

O capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena (hoje fuzilado, sem fórma de processo!!!) embora envolvido na conspiração, só veiu para a esquadra no dia 8. Na noite de 5, assistiu á representação dos *Huguenottes*, no theatro Lyrico; nos dias 6 e 7, tratou de negocios particulares, e no dia 8 compareceu á reunião de officiaes realisada no

quartel-general da armada, a convite do chefe do Estado-Maior Goneral.

Finda a reunião, o sr. Lorena foi á sua residencia, preparou uma pequena caixa de folha na qual acondicionou todo o seu fardamento e mais roupas de uso e fêl-a transportar para bordo do vapor *Aymoré*, que estava atracado ao trapiche do Lloyd.

De noite, dirigiu-se para aquelle navio, atravessando o contingente de tropa que alli já estava estacionado, sob o commando do major Martiniano Ferreira, e embarcou, sem ser reconhecido, sem despertar sequer a menor suspeita!

O *Aymoré*, que era commandado pelo 1° tenente Arnaldo Sampaio, estava de fógos abafados, segundo instrucções anteriormente dadas, afim de seguir, de noite, a incorporar-se á esquadra.

O Sr. Lorena consegue entrar no navio; mas, logo depois, a força que estava no trapiche, desconfia e procura aprisional-o. O Sr. Lorena esconde-se no porão, dá ordem para o navio dar de mão á amarra, e o *Aymoré*, com a machina a toda a força, desatraca, sob renhido fogo de fuzilaria. A's dez horas da noite, fundêa nas proximidades do *Aquidaban*, e, pouco depois, o Sr. Lorena estava no meio de nós.

——

Convém consignar aqui os serviços importantes que nos estão prestando os navios da Companhia Frigorifica. Esses navios são: *Pallas*, *Venus*, *Urano*, *Mercurio*, *Jupiter* e *Marte*. Os seus porões

estão cheios de generos de toda sorte e de bebidas, e nas suas geleiras guardamos a carne para a nossa alimentação.

Todos os seus commandantes estavam combinados comnosco, para tomarem parte no movimento. Apenas o do *Mercurio* recusou-se e veiu para terra.

O do *Venus*, o sr. Pereira da Cunha, só a 9 assumiu o commando, devido a motivos muito curiosos.

Este valente marinheiro tinha-se envolvido nos acontecimentos do *Jupiter*, quando este navio forçou a barra do Rio-Grande do Sul. Aprisionado este pelo *Republica*, nas aguas de Santa Catharina, vieram todos os prisioneiros para o Rio, onde estiveram recolhidos na fortaleza de Santa Cruz.

Concedida a ordem de *habeas-corpus*, os presos civis foram soltos, e com elles o sr. Pereira da Cunha, dias antes de rebentar a revolução da armada, da qual nenhum conhecimento tinha.

Mas, achando-se na capital, sabe por um amigo officioso que o marechal Floriano vai de novo mandar prender a todas as pessoas implicadas no caso do *Jupiter*, não obstante a concessão de *habeas-corpus*. O distincto rio-grandense, homem corajoso e energico, não se tendo dado bem com os ares de Santa Cruz, resolve evadir-se do Rio, arma uma pequena chalupa, abastece-a de viveres e de tudo quanto precisa para uma longa travessia, e, na noite de 5 de setembro, sai barra fóra, seguindo rumo

do Sul, sem saber que a esquadra ia içar, horas depois, o pavilhão branco da revolta.

O tempo, porém, estava ruim e era arriscado aventurar-se em tão fragil embarcação. O sr. Pereira da Cunha aproou, pois, á praia de Marambaia, onde permaneceu dous dias. Mas o tempo peiorava e a tempestade parecia não querer ceder. O commandante, no dia 8, decidiu regressar; entrou no porto, sem que o movimento dos navios despertasse a sua desconfiança e foi para a Ilha da Pambéba, onde tinha um amigo. Foi este quem o poz ao facto dos acontecimentos, e o bravo commandante apressou-se a vir para bordo do *Aquidaban*, assumindo, depois, o commando do *Venus*.

——

Hontem, 9, foi resolvido um ataque nocturno ao quartel de policia de Nictheroy. Organisou-se uma expedição composta de algumas lanchas e da canhoneira *Marajó*, que foi rebocada.

Ao chegarem ao canal de Mocanguê, rompeu fogo de terra, com grande espanto nosso, pois muitas têm sido as promessas de auxilios, por parte do povo, que a bordo têm vindo fazer, em nome do dr. Portella, varios emissarios, entre os quaes, o coronel Gomes Machado.

Seremos mais uma vez enganados e ficaremos reduzidos ás nossas proprias forças?...

A expedição foi, infelizmente, mal succedida, e alguns collegas meus atiram as culpas ao tenente Vinhaes, que nella tomou parte. Parece-me, porém,

que os culpados somos todos nós, pois que—é duro confessal-o!—não ha, entre nós, a união que deveria haver e sem a qual nada conseguiremos. A mania dos *grupos* já nos vai causando muito mal: dahi os desgostos que começamos a sentir.

Diariamente, recebemos os jornaes de terra, e épara nós um regalo ler tanta mentira junta! Onde foram elles descobrir que o pret das praças é pago em vales? Não tem havido pagamento, nem em dinheiro nem em vales, pois que não dispomos de recursos pecuniarios. Todos nós, do ultimo marinheiro á patente superior, não precisamos de *dinheiro* para nos batermos.

Accrescento a este topico do meu diario que a guarnição do *Aquidaban* e dos demais navios só começou a receber vencimentos em Santa Catharina, e os que aqui ficaram, quando o Sr. Saldanha assumiu o commando da esquadra.

Hontem, 13, appareceram a bordo do *Aquidaban* os deputados tenente-coronel Vicente Espirito-Santo e tenente Jesuino de Albuquerque, este pela Capital Federal e aquelle por Pernambuco.

O sr. Espirito-Santo, que, na vespera, tinha feito na Camara um discurso em que dizia que, apezar de suas immunidades parlamentares, a força do caes Pharoux não o deixara embarcar, contou-nos que tinha ido pela estrada de ferro Central até S. Francisco Xavier; dahi dirigiu-se a pé até a Penha, onde conseguiu, á força de ameaças, que um catraeiro o trouxesse até cá.

Nesse mesmo dia 13 houve o primeiro bom-

bardeio, e o almirante, por mera gentileza, mandou offerecer o commando de uma das torres ao tenente-coronel Espirito-Santo, o qual, com grande pasmo nosso, julgou-se offendido com essa offerta e declarou em tom exaltado que absolutamente não atirava contra irmãos de armas. O que vinha então fazer a bordo?

Dias depois, sob um pretexto futil, esse deputado teve uma altercação com o immediato do *Aquidaban* e disse ao almirante Mello que se retirava. Effectivamente, partiu em um vapor mercante para Pernambuco, onde foi preso por ordem do marechal Floriano, que o mandou processar como desertor e que, conforme me disseram mais tarde, sempre ignorou que o sr. Espirito-Santo e seu companheiro Jesuino, que o acompanhou na retirada, tivessem sido dos nossos durante alguns dias.

Tem havido a melhor harmonia entre as pessoas que se acham a bordo do *Aquidaban*, e o *Paiz* inventa, quando fala em conflicto com o deputado Seabra. Mas é preciso *inventar*, para merecer as boas graças do Itamaraty.

Tambem não é exacto que se tenham dado evasões de praças de bordo para terra. Pelo contrario, toda a marinhagem, incluindo a mercante, mostra-se enthusiastica pela revolta.

No dia 13, o almirante Mello enviou uma mensagem ao marechal Floriano, a qual foi entregue, no Arsenal de guerra, pelo seu secretario Belfort Guimarães, aos generaes Pego Junior e Cantuaria, que alli se achavam.

Essa mensagem relatava o plano de guerra do almirante, convidava o marechal a largar o poder e dava-lhe um prazo para responder, findo o qual, romperia o fogo.

Effectivamente, não tendo tido resposta, o almirante deu ordem de começarem as hostilidades. Rompeu então o fogo de bordo do *Republica* e da *Trajano*, mas convergindo apenas para os pontos fortificados, emquanto o *Aquidaban* e *Javary* dirigiam as suas pontarias para as fortalezas da barra.

Nessa occasião, aproou ao *Aquidaban* uma lancha em que vinha o almirante Saldanha, que foi recebido a bordo com vivas dados pela guarnição.

Dirigindo-se ao Sr. Mello, pede-lhe para que interrompa o fogo até que se tenha entendido com o governo e volte a communicar-lhe a resposta.

E, com effeito, o sr. Saldanha dirigiu-se para o Arsenal de marinha, e, ahi, encontrando-se com o contra-almirante Balthazar da Silveira, pediu-lhe o favor de ir ao Itamaraty conferenciar com o marechal Floriano Peixoto, afim de que este désse uma solução á lucta que se estava travando entre as classes armadas, evitando que esta proseguisse, com grave prejuizo para o paiz.

O sr. Balthazar accedeu ao pedido, e foi sem demora ao Itamaraty, onde falou com o marechal, que lhe declarou que «desconhecia os intuitos da revolução»,—declaração esta que admira, pois que o manifesto do sr. Mello era bem claro.

O contra-almirante, dando por terminada a sua missão, retirou-se e foi communicar a resposta ao

sr. Saldanha. Este, por sua vez, dirigiu-se de novo ao *Aquidaban*, onde a muito custo poude chegar á fala, pois que o possante encouraçado se achava em operações de guerra. O nosso chefe, com effeito, que bem conhece o caracter do marechal, não tinha nenhuma confiança na intervenção officiosa do sr. Saldanha.

Posto ao facto do que occorrêra, o sr. Mello respondeu que o principal intuito da revolução era retirar o poder ao marechal, cujos desmandos e violencias já tinham sacrificado demais a nossa querida patria.

O almirante Saldanha foi de novo ter com o seu collega Balthazar, que, desta vez, não conseguiu ser recebido no Itamaraty.

Está, pois, bem patente que o marechal não quer ceder: a lucta vai se travar entre dous homens egualmente teimosos, e sabe Deus quando terminará!...

Perdidas as esperanças de um accôrdo para evitar o derramamento de sangue entre irmãos, o tenente Belfort e o coronel Jacques Ourique foram a Santa Cruz communicar o inicio das hostilidades por parte da esquadra.

Ahi houve calorosa discussão entre o coronel e alguns officiaes.

Um delles chegou a dizer a Jacques Ourique:

—Admira-me que o senhor, um official do exercito, que foi victima de Custodio de Mello, em 10 de abril, venha em nome delle intimar uma fortaleza, dizendo que a vai hostilisar!

Um pouco mais, e o coronel era preso.

Pouco tempo depois de se retirarem os nossos dous officiaes, deu-se um facto curioso na encosta do morro que dá subida para o Pico que fica a cavalleiro da fortaleza de Santa Cruz.

De bordo do *Aquidaban*, em posição de combate, vimos naquelle logar uma explosão, evidentemente de polvora, e por muito tempo ficámos ignorando qual a sua causa. Suppunhamos que, fosse algum signal combinado para terra, pois que logo depois, Santa Cruz rompeu fogo contra nós, sem que respondessemos, em consequencia da intervenção do sr. Saldanha, acima exposta.

Afinal viemos a saber que a nossa supposição era erronea e que a verdadeira causa da explosão era esta:

O commandante da fortaleza, que desde o dia 6 se estava preparando para responder e resistir á esquadra, com cujo ataque contava, mandára transportar grande quantidade de polvora para guarnecer as baterias. Uma barrica de polvora que se molhára, tinha ficado naquelle logar, exposta ao sol, afim de seccar; rolou, por acaso, e um dos pregos das aduelas, roçando na polvora, produziu a explosão.

Por sua vez, o commandante, ao ver a explosão, suppoz que fosse motivada pela queda de alguma granada da esquadra, tomou isso como o inicio do bombardeio e... rompeu fogo.

E ahi está como uma explosão de polvora póde ser interpretada de modos diversos por dous antagonistas, sem que nenhum d'elles atine com a sua verdadeira causa.

VII

O primeiro torpedo

O homem do mar, apezar de familiarisado com o perigo e de encarar sempre a morte frente a frente é supersticioso. A religião afugentada pelo raciocinio frio do sabio, vai-se refugiar no peito do marinheiro.

E dir-se-ia, na verdade, que a providencia divina nos protege e se compraz em desfazer as ciladas que os nossos inimigos nos armam a cada instante. Ainda não ha muitos dias, inscrevi no meu canhenho a vergonhosa invenção da machina infernal, e hoje tenho de passar para aqui mais um machiavellico trama do tão apregoado governo legal, para abafar a revolta, pois que todos elles são bons para quem não tem escrupulos.

Mas contemos o caso como o caso se deu: elle, por si só, dispensa qualquer commentario.

O almirante Mello teve, ha dias, aviso de que o governo havia comprado por 80 contos uma lancha chamada *Joanna*, com o intuito de nella pôr um torpedo que seria lançado contra o *Aquidaban*.

O aviso era grave, e, entretanto, apezar disto, pouca ou nenhuma importancia se lhe deu. A maio-

ria dos meus companheiros dizia que tal cousa não era possivel.

Este simples facto veiu confirmar a opinião que outros anteriores e de menor importancia me tinham suggerido, isto é, que, pela nossa educação, não estavamos preparados para luctar com um inimigo dessa ordem, pois que somos incapazes de commetter atrocidades e, *ipso facto*, julgamos o adversario pelo que somos. Nas revoluções, é preciso desconfiar de todos e de tudo, e lá diz o antigo dictado: o seguro morreu de velho.

Passam-se dias, e novo aviso é dirigido para bordo, mais circumstanciado desta vez. A lancha *Joanna*—dizia o amigo anonymo—está fundeada na praia do Sacco do Alferes, onde foi levantado um barracão, tendo sido aquella e este pintados de preto. E' neste barracão que está sendo fabricado o torpedo que deve metter a pique o *Aquidaban*. Mais ainda: a bandeira ingleza alli fôra hasteada, para esconder a torpeza e não despertar suspeitas.

Desta vez, a denuncia era tão formal, que começou a haver um pouco mais de vigilancia a bordo, não só do valente couraçado como dos demais navios da esquadra.

Passam-se ainda dous dias, e vem a bordo do *Aquidaban* o nosso proprio informante generoso, o sr. Borlido, e diz-nos que, naquelle dia, á tarde, a lancha *Joanna* viria *com a bandeira ingleza*, lançar o torpedo, e isto no momento em que o *Aquidaban* estivesse empenhado no bombardeio contra as fortalezas,

Justiça seja feita ao sr. marechal e aos seus amigos: sabem planejar as suas machinações tenebrosas. De facto, occupados com as nossas operações de guerra, a approximação de uma lancha com bandeira ingleza nenhuma suspeita poderia suscitar, e o torpedo executaria sua obra de destruição. Estava, porém, marcado pelo destino que, mais uma vez, os planos do governo, apezar de engenhosos, fossem frustrados.

Nesse dia, com effeito, não houve bombardeio, e a lancha, passando por perto do *Aquidaban*, foi ancorar na enseada da Jurujuba, em frente a Icarahy... sem lançar o menor torpedo.

O que custa, porém, a acreditar, e o que entretanto é a pura verdade, é que, apezar das affirmações tão categoricas do sr. Borlido, a passagem da lancha não provocou a menor desconfiança, e nem sequer se tomaram providencias para burlar o plano inventado e executado pelo então capitão-tenente José Carlos de Carvalho, que é a *alma damnada* do marechal Floriano e o inimigo mais perigoso que temos!

Afinal, á noite, o *Aquidaban* começou a projectar insistentemente o seu holophote sobre a enseada da Jurujuba, e de bordo, por varias vezes, sahiram lanchas e torpedeiras para irem aprisionar a lancha-torpedo, sem que nenhuma dellas lhe conseguisse descobrir o paradeiro.

Essas expedições tiveram um unico resultado: sobresaltaram constantemente os que se achavam a bordo, pois que, todas as vezes que regressavam

as lanchas e torpedeiras, suppunha-se que fosse a do torpedo.

Assim se passaram outros dous dias, e afinal, na tarde do terceiro, vem a bordo do *Aquidaban*, em uma lancha do *Sirius*, navio chefe da esquadra ingleza, o tenente Stuart e declara ao almirante Mello que ia á enseada da Jurujuba aprisionar uma lancha que alli se achava fundeada, sob pavilhão inglez, afim de lançar, em occasião opportuna, um torpedo no costado do *Aquidaban*. Dito isto, retirou-se para ir cumprir a commissão de que estava incumbido.

Pelas oito horas da noite, por communicação vinda da Ilha das Enxadas, soubemos o seguinte:

O tenente Stuart encontrou, com effeito, a lancha, fundeada na enseada da Jurujuba e effectuou a sua captura. Em seguida dirigiu-se com ella para bordo do *Sirius*. Ahi desembarcou a tripulação, que era composta de nacionalidades differentes: americana, ingleza, allemã, franceza e brazileira. esta representada por uma praça do 8º batalhão da guarda nacional e um *secreta* da policia,— uma verdadeira salada russa.

O torpedo estava fabricado segundo todas as regras e perfeitamente carregado, e a bordo da lancha havia ainda, como sobrecellente, tres caixões contendo 632 cartuxos com dynamite e varios outros artefactos que pudessem ser aproveitados.

O *captain* Lang, commandante do *Sirius*, depois de ter interrogado os individuos que compunham a

tripulação, remetteu-os para os navios de guerra de suas nacionalidades.

Entre esses individuos, vulgares mercenarios, achava-se o capitão inglez Boyton, que declarou ter feito varias viagens, como commandante de navios mercantes, ao Japão e á China, e accrescentou que havia, ha pouco tempo, requerido privilegio para um systema de cartões premiados para a fiscalisação da cobrança das passagens nas estradas de ferro e nos bonds.

« Duas vezes, affirmou o capitão Boyton, tentei investir, para lançar o torpedo; mas a machina da lancha soffreu um pequeno desarranjo, que me impediu de executar o plano. »

Mas, apezar de tal affirmação, na esquadra ficámos convencidos de que esses mercenarios tiveram medo e não quizeram correr o risco de uma expedição que lhes podia custar a vida, muito embora a bandeira ingleza lá estivesse içada na lancha, para os proteger.

O capitão Lang, conjunctamente com os caixões de dynamite e a carga do torpedo, enviou os dois brazileiros ao almirante Saldanha, que os fez recolher á fortaleza de Villegagnon, ficando a dynamite depositada no paiol da ilha das Cobras.

Estes dous mercenarios confessaram — cousa curiosa! — que tinham estado, em palacio, com o marechal Floriano e que fôra o vice-presidente da Republica em pessoa quem lhes déra as instrucções para a expedição, vindo elles depois, em carro, do Itamaraty até ao caes designado para o embarque.

Como acontecera com a machina infernal e julgando desta vez serem mais bem succedidos, lá estiveram no littoral, aguardando o resultado do torpedo, o marechal Floriano, os srs. José Carlos de Carvalho e João Filippe Pereira, ministro da industria e um dos bons auxiliares do governo... para essas cousas.

Dias depois, o marechal, para fazer desapparecer individuos compromettedores, mandou perguntar ao almirante Saldanha com que direito conservava presos na fortaleza de Villegagnon dous cidadãos brazileiros, e o almirante commetteu a fraqueza de os entregar.

O ministro inglez, naturalmente, reclamou logo contra o facto gravissimo de se ter o governo utilisado, para commetter tão vergonhosa acção, da bandeira ingleza (a reclamação ainda hoje está de pé). Mas o marechal respondeu que não sabia o que similhante cousa significava, pois que de nada tinha conhecimento...

O capitão Lang, como era seu direito, tomou conta da lancha *Joanna*, mandou-a pintar com as côres da sua esquadra, collocar na pôpa, bem á vista, o famoso torpedo e servia-se della, todas as vezes que tinha de ir a terra. Era nella que muitas vezes ia e vinha o corpo diplomatico.

Todos quantos frequentavam os caes de desembarque — arsenal de Marinha, praças Municipal e da Harmonia — tiveram occasião de ver lancha e torpedo, cujo destino foi bem diverso daquelle que lhe assignaláram os *amigos* do marechal.

VIII

A attitude da esquadra extrangeira

Foi tão importante e tão caracteristica a attitude assumida pela esquadra extrangeira durante a revolta, que me pareceu mais interessante colligir, em um só capitulo, todas as notas que a respeito fui tomando, á medida que se desenrolavam os acontecimentos.

Como já tive occasião de dizer, ao romper a revolta a 6 de setembro, achavam-se fundeados na bahia navios de guerra pertencentes ás marinhas franceza, ingleza, portugueza e italiana.

O almirante Mello, apenas assumiu o commando da esquadra, mandou o seu secretario Belfort Guimarães a bordo dos navios extrangeiros communicar que tinha içado o seu pavilhão no *Aquidaban* e ia começar a lucta contra o governo do marechal Floriano, ao que os commandantes responderam que ficavam scientes.

Dahi em deante, todas as vezes que surgiam reclamações ou eram necessarias explicações sobre occurrencias que se davam com as nossas embarcações e os navios mercantes extrangeiros, iam os

officiaes, em segundo uniforme, em lancha, com o pavilhão das suas nacionalidades, entender-se com o nosso almirante, e este por sua vez enviava a bordo da esquadra extrangeira o seu secretario.

Depois, começou a tróca de notas, e na maior parte das vezes, senão em todas, o sr. Mello tinha a satisfacção de ver attendidas as suas reclamações, por parte do marechal, graças á intervenção dos commandantes extrangeiros que, reunidos collectivamente, apoiavam essas reclamações.

Era evidente que, fosse por espirito de classe, fosse por sympathia inteiramente com a nossa causa, elles procuravam não nos levantar empecilhos e attendiam aos nossos pedidos. Assim é que, quando o almirante Mello convidou a esquadra extrangeira para procurar outro ancoradouro no fundo da bahia, para não estorvar as nossas operações, ella promptamente accedeu e, ás 7 horas da manhã do dia 13 de setembro, retirou se para traz da ilha das Enxadas.

O marechal Floriano entendeu que tinha o direito de guarnecer os morros da cidade com artilheria de grosso calibre; mas, ao mesmo tempo, queria que não respondessemos a esses fogos, isto é, que não atirassemos para a cidade.

O almirante Mello dirigiu então uma nota ao commandante extrangeiro mais antigo, que, nessa occasião, era o sr. Lang, do *Sirius*, solicitando providencias para que fizesse cessar os fogos de artilheria grossa dos morros, sob pena de romper o

compromisso verbal que tomára de não hostilisar a cidade.

O marechal, a quem foi communicada esta reclamação, respondeu que, não havendo provocação, as baterias dos morros permaneceriam mudas.

Dias depois, soube-se que o vapor *Barão de S. Diogo*, atracado na Saude, estava sendo armado e guarnecido por forças de terra. A' vista disto, o sr. Mello mandou declarar á esquadra extrangeira que ia aprisionar aquelle navio, e que, se fosse hostilisado de terra pela artilheria dos morros, responderia com canhões do mesmo calibre, o que equivalia a dizer que bombardearia a cidade.

Essa determinação foi acceita pela esquadra extrangeira, tanto assim que o ministro inglez mandou pregar boletins em terra, convidando os seus compatriotas a retirarem-se.

O almirante Mello mandou uma divisão composta da *Trajano*, dous navios frigorificos, uma lancha, e uma torpedeira, ficando o *Aquidaban* no poço á espera do procedimento das baterias de terra. Estas romperam fogo, que foi correspondido. Mas a divisão não podia resistir aos canhões de grosso calibre. A' vista disto, o almirante Mello deu ordem para que o *Aquidaban* fosse em auxilio da *Trajano* e dos outros navios. Mas o sr. Alexandrino não executou a ordem, pois não queria prejudicar a cidade, o que dá a entender que elle mandava mais do que o chefe supremo.

O commandante Lang reuniu então os seus collegas, e, após prolongada conferencia, ficou resol-

vido intimar o marechal Floriano a retirar sem demora os canhões dos pontos fortificados, sob a fiscalisação da esquadra extrangeira. O vice-presidente da Republica mais uma vez teve de ceder.

Foi o sr. Castilho o encarregado de levar, a bordo do *Aquidaban*, a resposta do marechal. Eram 7 horas da noite, e, não contando nós com essa visita, recebemos a lancha em que vinha aquelle commandante—que era a lancha *D. Carlos*—com tiros de fusil. Afinal, o sr. Castilho foi reconhecido e fallou com o sr. Mello, a quem não conhecia pessoalmente e com quem conversou longamente, narrando a sua vida e promettendo-lhe enviar, no dia seguinte, todos os documentos sobre a sua existencia politica, o que effectivamente fez.

Os holephotes, assentados na Gloria e no Caju', tambem provocaram a intervenção extrangeira. O almirante Mello, com effeito, considerando esses holophotes como um apparelho de guerra e que, sendo assim, não podia mais o Rio ser considerado cidade aberta, fez a sua reclamação. O marechal respondeu que tinha o direito de fiscalisar as praias, e que só para este fim mandára assentar os holophotes. Mas o almirante não se deu por convencido e retorquiu, affirmando que o holophote da Gloria, principalmente, servia para illuminar Villegagnon, expondo-a assim á pontaria das fortalezas da barra.

A esquadra extrangeira obteve então do marechal que o referido holophote não tornasse á pro-

jectar com insistencia a sua luz sobre Villegagnon.

Outra reclamçaão houve a proposito da permanencia do rebocador *Audaz*, na doca da Alfandega, onde estava sendo armado. Tendo noticia deste facto, o sr. Mello reclamou da esquadra extrangeira que fizesse com que o marechal dalli retirasse a lancha. Informado disto, este respondeu que o *Audaz*, não só não estava sendo armado, como tinha até a machina avariada. Mas o almirante, convicto de que tal cousa era inexacta, intimou que fosse retirada da doca a lancha sem o que elle mesmo o faria, pela força.

O marechal manteve a sua primitiva affirmação e não executou a intimação. Deante dessa attitude, o sr. Mello communicou á esquadra extrangeira que ia pôr em execução a sua ameaça. Mais tarde, falaremos deste incidente. Por ora, limitemo-nos ao titulo deste capitulo.

E' crença geral que a esquadra allemã nunca interveiu a nosso favor e que a sua attitude foi sempre a da mais estricta neutralidade.

Esta crença basêa-se no facto de *nunca* ter o almirante allemão firmado com seu nome as notas diplomaticas dirigidas ao marechal. Os que assim pensam ignoram a realidade dos factos.

Quando entrou no nosso porto a esquadra allemã, poucos dias depois de iniciada a revolta, o seu chefe communicou ao almirante Mello que qualquer reclamação que tivesse a fazer lh'a dirigisse

a elle pessoalmente, pois que deliberaria por si mesmo, isoladamente, e era sua firme tenção não tomar parte nas deliberações collectivas das demais esquadras extrangeiras, ás quaes, aliás, nunca apresentou o menor embaraço.

Mas nem por isso se julgue que, assim procedendo, o commandante allemão tinha por fim proteger o governo do marechal Floriano. Para desvanecer tal convicção, bastará citar alguns factos.

Tendo entrado em nosso porto dous navios allemães com carregamento de munições de guerra para o governo, o almirante allemão, attendendo promptamente ao pedido do sr. Mello, impediu que esses navios descarregassem e manteve-os sob a sua vigilancia até o dia 13 de março.

Outro facto.

O marechal precisava mandar para o Sul armamento e munições. Graças á intervenção do inventivo capitão-tenente José Carlos de Carvalho, conseguiu entrar em accôrdo com a companhia de paquetes allemães para que se estabelecesse uma carreira de vapores para o Sul e outra para o Norte.

Ao receber aviso disso, o almirante Mello sem demora reclamou, accrescentando que o primeiro paquete a partir, o *Corytiba*, estava sendo carregado por conta do governo; o chefe da esquadra allemã attendeu-o logo e não só declarou ao marechal que não permittiria similhante cousa, como ordenou uma busca naquelle navio.

Quando se deu o facto do *Audaz*, a que me referi ha pouco e que o meu collega Belfort Guima-

rães foi a bordo do *Alexandria* communicar a resolução do almirante Mello, o commandante allemão declarou que consentiria no bombardeio da cidade, exigindo apenas o prazo de 24 horas para salvaguardar as vidas de seus nacionaes.

Este procedimento foi seguido pela esquadra extrangeira, inclusive a allemã, durante todo o tempo que durou a revolta, excepção feita da esquadra americana, da qual me occuparei depois. As nossas relações com os officiaes extrangeiros eram as mais cordiaes possiveis. Tanto nós como elles vestiamos o segundo uniforme, todas as vezes que iamos ou elles vinham a bordo dos navios, entender-se com os almirantes.

Querendo fazer uma concessão amigavel—e isto foi um erro—tanto o sr. Mello como o sr. Saldanha permittiram o uso de bandeiras extrangeiras ás lanchas nacionaes que davam reboque ás embarcações com carga recebida dos paquetes e navios extrangeiros, conforme o que dispõe o regulamento da capitania do porto.

Todas as vezes que eram aprisionados subditos de nacionalidade extrangeira ou quando alguns dos que se achavam a bordo dos nossos navios se queriam retirar, aquelles almirantes enviavam-nos aos navios de guerra das suas nacionalidades. Este procedimento provocou um incidente que foi narrado phantasticamente pelos jornaes officiosos.

Um francez chamado Dumont, que o *Paiz* e o *Tempo* tanto endeusaram, pela sua valentia nas trincheiras do littoral, tinha feito varias vezes a

travessia de Nictheroy, sem despertar suspeitas. Allegava que ia ver a familia, affirmava que era adepto da revolta e, para mostrar a sua dedicação, não se esquecia nunca de erguer vivas enthusiasticos á esquadra libertadora.

Afinal, pareceu-nos que o sr. Dumont levava um pouco longe o seu amor á familia e não espaçava sufficientemente as suas visitas. Por isso, o prendemos e tivemos então ensejo de verificar que era um emissario do marechal Floriano para o dr. Porciuncula, governador do Estado do Rio de Janeiro. Encontrámos, com effeito, em seu poder varias cartas para esse governador, conjunctamente com um cheque de 30 contos.

O sr. Dumont esteve preso tres dias, a bordo do *Marte*, sendo depois entregue ao commandante do *Aréthuse*, de onde foi mandado para terra.

Não se dirá que procodiamos barbaramente para com os nossos prisioneiros...

Não é este, porém, o unico ponto que quero, para honra nossa, rectificar. Ha ainda um facto de summa importancia, que vou narrar ficlmente, pois que mostra até que ponto o almirante Mello pugnava pelos brios da nação.

Ao saberem que em terra não havia completa segurança para a vida e propriedade dos seus nacionaes, as esquadras extrangeiras (a americana ainda não se achava no nosso porto) resolveram fazer um desembarque com uma força de 800 homens, composta de contingentes de todos os navios, sob o commando do sr. Castilho, por ser este o repre-

sentante da nação mais fraca. E com effeito, praxe proceder assim, em identicas circumstancias.

Esta resolução foi levada ao conhecimento do almirante Mello, por intermedio do *captain* Lang, na sua qualidade de commandante mais antigo, que enviou para este fim o tenente Stuart. Este pediu ao nosso chefe para lhe indicar qual o melhor logar para effectuar o desembarque e perguntou-lhe se a praia da Saudade não seria o mais favoravel.

E qual foi o procedimento do almirante Mello? Respondeu immediatamente que, como patriota que era, protestava contra essa attitude offensiva para os nossos brios, e mandou o seu secretario declarar ao commandante inglez que, se tal desembarque se realisasse, elle, Custodio José de Mello, iria collocar-se ao lado do marechal Floriano, para defendel-o, nessa emergencia, e depois viria de novo continuar a lucta contra o seu governo.

Foi a essa attitude energica e patriotica do nosso almirante o não ao manifesto pregado nas ruas da cidade pelo marechal, que a esquadra extrangeira desistiu do desembarque, limitando-se apenas a prevenir aos seus nacionaes que quizessem retirar-se de terra que, no caes Pharoux, havia um pequeno destacamento para garantir-lhes o embarque.

Eis, narrada sem commentarios e sem paixões, a attitude assumida pela esquadra extrangeira durante a revolta, na bahia do Rio de Janeiro.

IX

A Ilha das Cobras

Factos se deram na bahia do Rio de Janeiro que tiveram como theatro o mesmo logar, embora em epochas differentes, e que, para melhor harmonia desta despretenciosa narração, convem reunir sob a mesma epigraphe. Segui este systema no capitulo precedente: vou continual-o neste.

Já tive occasião de dizer que o batalhão naval, composto de 250 praças e aquartelado na Ilha das Cobras, se retirou para a esquadra, no dia 6 de setembro, depois de ter tido a precaução de encravar todas as peças de artilheria da fortaleza daquella Ilha.

Alli ficaram apenas os doentes do hospital de marinha e os galés do presidio.

No dique, estavam uma torpedeira de alto-mar e o vapor *Purús*. Tendo o almirante Mello resolvido inutilisar as peças das machinas desses navios, mandou para esse fim um official que executou rapidamente a ordem recebida.

Emquanto desempenhava esta missão, soube o official, que havia dias que os galés estavam sem

comer. A fome é má conselheira, e essa gente, cujos instinctos já eram perniciosos, havia se enfurecido. Urgia tomar uma providencia.

Nessa mesma occasião, um contingente do batalhão naval teve de vir ao quartel buscar fardamento e outros objectos. Antes de se retirarem e scientes do que se passava, os soldados atiraram para dentro do presidio as chaves, dando assim liberdade aos galés.

Grave imprudencia foi esta, cujas consequencias podiam ser desastrosas. Com effeito, uma vez soltos, os galés trataram logo de se embriagar e, feito isto, começaram a varejar algumas casas que se achavam fechadas, commettendo tropelias. Manda, porém, a verdade confessar que não offenderam nem desacataram pessoa alguma e nem sequer pensaram em evadir-se.

Foi o sr. Saldanha da Gama quem salvou a situação. Avisado do que se passava, pelo pessoal do hospital, dirigiu-se logo para a ilha e foi ao encontro dos galés, que, apezar do seu estado de embriaguez, o receberam bem. Apenas um tentou aggredil-o. Mas, valente como é, o almirante fez frente ao galé, que teve de recuar.

Feito isto, o sr. Saldanha declarou que, á vista das circumstancias, podiam considerar-se livres e tomar o destino que quizessem. Alguns evadiram-se como puderam e outros foram servir na esquadra.

Este incidente fez com que o almirante Salda-

nha tomasse conta da ilha e disto désse parte ao governo.

Desse dia em deante, mandou guarnecel-a com um destacamento de aspirantes, que era rendido diariamente, assumindo o commando effectivo o 1° tenente Antonio Julio de Oliveira Sampaio.

Dessa data em deante, os nossos doentes, que até então só iam para a Ilha das Enxadas, começaram a ser recebidos no hospital da Ilha das Cobras, emquanto os mortos, que até alli eram sepultados na Ilha de Paquetá, foram para terra, para o cemiterio do Cajú.

Sobre os ataúdes havia sempre uma corôa com esta inscripção: *Saudades da esquadra.*

Assim se mantiveram as cousas na Ilha das Cobras, sem que o marechal Floriano pudesse ter alli a menor interferencia. E, apezar disso, continuou a abastecer o hospital e a consentir que o pessoal medico e administrativo communicasse diariamente com a terra.

Em meiados de novembro, o almirante Saldanha começou a desencravar a artilheria e a fortificar diversos pontos da ilha, e, de accôrdo com o contra almirante Pereira Guimarães, chefe sanitario, resolveu transferir o hospital para a Ilha das Enxadas.

O dr. Pereira Guimarães convidou então para acompanhal-o aos seus collegas, bem como aos internos e demais pessoal.

A esse convite accederam apenas os drs. Affonso Henriques, Thomaz de Aquino, Santos Abreu

e Silva Lima, o interno Breta Neves e o pessoal da pharmacia, isto é, pharmaceutico Guilherme Hoffmann Filho, os praticos, os enfermeiros e serventes. De terra vieram os drs. Daniel de Almeida e Joaquim Botelho, e o pharmaceutico Breta Neves irmão do interno.

Assim que começou a artilhar a ilha, o almirante Saldanha tomou conta do edificio do commissariado e delle retirou tudo que podia servir, como fardamento novo para o pessoal e material de navegação e de guerra, que alli havia em abundancia.

Convèm aqui mencionar um pequeno facto. Quando a imprensa officiosa do marechal denunciou o procedimento do sr. Saldanha e perguntou como era que o governo consentia que elle se estivesse armando, o pseudo-chefe do commissariado, contra almirante Lopes da Cruz, que, desde que o almirante tomou conta da ilha, não mais alli voltou, veiu declarar em resposta que *não era exacta a informação de que de sua repartição se estivessem retirando objectos alli em deposito*!!

A verdade é que o governo, que de tudo sabia, em tudo consentiu e continuou a abastecer o hospital até 9 de dezembro, isto é, até o almirante Saldanha da Gama declarar-se a nosso favor.

Na tarde desse dia, o almirante nomeou o capitão-tenente João Velloso de Oliveira commandante geral da Ilha das Cobras e transferiu para alli o quartel dos aspirantes, assumindo o commando da fortaleza o 1° tenente Sampaio.

Para terminar este pequeno mas instructivo capitulo, devo accrescentar que, desde o tempo da sua neutralidade, o sr. Saldanha havia installado, na praia denominada das Moças e situada naquella ilha, uma pequena officina, que com outras alli existentes fazia todos os concertos de que os nossos navios precisavam. Para esse fim organizara, alli e na Ilha das Enxadas, um corpo de operarios, e isto logo que rebentou a revolução.

X

Bombardeios

Quando, no primeiro mez de lucta, nos approximavamos de terra e atiravamos para as forças que guarneciam o littoral, os jornaes officiosos, inventando como sempre, annunciavam que tinhamos tentado um desembarque, mas que foramos repellidos energicamente pelas briosas forças legaes! Ora, a verdade é um tanto diversa: nunca cogitámos em desembarque; os nossos tiroteios tinham apenas por fim facilitar o aprisionamento das pequenas embarcações atracadas aos cáes,—o que sempre conseguimos, apezar da viva fuzilaria de terra.

São estas, bem sei, pequenas minudencias que, á primeira vista, parecem sem importancia, mas que, entretanto, devem interessar aos que procuram esquadrinhar toda a verdade, nos seus mais infimos recantos.

Foi no terceiro bombardeio que uma bala de S. João attingiu o *Aquidàban*, penetrando no convez, derrubando a bitacula de ré e indo explodir nocamarim do almirante Mello, onde poz tudo em estilhaços, sem felizmente ferir ninguem.

No seguinte bombardeio, penetrou outra bala

no reducto de ré, e ahi uma granada de um dos dous canhões que estavam de pé, com o chóque, cahiu e explodiu, assim como um pequeno caixão de polvora. Resultou desse incidente ficarem feridos tres marinheiros e chamuscado levemente o commandante do reducto, 1°. tenente Pedro Velloso Rebello, que auxiliado por alguns marinheiros, conseguiu abafar o incendio que se manifestára na tinta de um dos canhões, sendo depois medicado pelos drs. Bicalho Hungria e Dermeval da Fonseca.

Cumpre accrescentar que tanto a *Trajano* como o *Republica* nunca foram attingidos por balas, nos bombardeios ás fortalezas.

Em um dos bombardeios contra Nictheroy, o sr. Pereira da Cunha, commandante do *Venus*, achava-se occupado em endireitar o reparo de um canhão de tiro rapido. Uma praça naval, por descuido, chegou-se á culatra do canhão e fel-o disparar, fazendo a bala voar a parte superior do rosto do infeliz commandante.

O cadaver de Pereira daCunha foi transportado para a Ilha das Cobras e dahi para o Cajú, onde foi sepultado.

Esta morte causou geral consternação, pois o commandante era um valente marinheiro e guerreiro intemerato. Anteriormente tinha prestado bons serviços na expedição do *Jupiter* ao Rio-Grande, e agora era um dos nossos melhores e mais activos auxiliares, tendo-se salientado na expedição da Ilha dos Ferreiros, onde, com risco da pro-

pria vida, conseguiu a bordo de uma lancha, sob o fogo vivissimo das baterias de terra, aprisionar dous grandes batelões com carvão.

O almirante Mello, em homenagem á memoria deste valente, deu o seu nome ao frigorigco *Venus*.

Na manhã de 21 de setembro, houve na bahia forte pampeiro. O *Aquidaban*, que estava fundeado no poço, á noite, garrou o foi do encontro ao *Uranus* que, graças á pericia do seu bravo commandante Costa Mendes, poude safar-se, soffrendo apenas pequenas avarias nas obras mortas e em um escaler de bordo.

A impetuosidade desse pampeiro foi tal, que arrastou quasi todos os navios da esquadra. O cruzador *Almirante Tamandaré* e a canhoneira *Marajó* foram parar quasi em frente ás fortalezas da barra, que aproveitaram a occasião para bombardeal-os. Mas as guarnições dos rebocadores corajosamente os fizeram safar da perigosa situação.

Tenho mais uma vez de deixar consignado aqui, por amor á verdade, a imprevidencia com que eram tomadas certas resoluções a bordo da esquadra.

Tendo os navios garrado, resolveu o commandante Alexandrino dar ordem para que fossem mettidos a pique ou encalhados o *Sete de Setembro*, a *Marajó*, o *Madeira*, o *Almirante Tamandaré* e a galeota *15 de Novembro*.

Ao ser conhecida essa ordem extraordinaria e inexplicavel, muitos protestaram, dizendo com razão que tal medida era antipatriotica e inopportuna, tanto mais quando alguns delles ainda nos poderiam

prestar bons serviços. Mas a nada attendeu o sr. Alexandrino, e lá foram mettidos a pique, na enseada de Mocanguê e na Ponta de Arêa o *Madeira*, a *Marajó* e a galeota, emquanto que o *Sete de Setembro* era encalhado em Nictheroy. Só o *Tamandaré* escapou á hecatombe, felizmente para nós, pois que, esse possante navio armado mais tarde, bem relevantes serviços nos veiu a prestar ainda!

Ao historiar a attitude da esquadra extrangeira para comnosco, tive occasião de me referir ao rebocador *Audaz* que, graças á neutralidade do sr. Saldanha, foi por este entregue ao governo e recolhido á doca da alfandega.

Os antecedentes do conflicto provocado por esse celebre rebocador, já os narrei no capitulo VIII. Limito-me, pois, a narrar o bombardeio á alfandega.

Na tarde de 25 de setembro, o almirante Mello dirigiu-se com o *Aquidaban* para o canal em frente ao Arsenal de Marinha. Uma vez ahi, enviou o seu secretario ao Arsenal com uma intimação escripta em que fazia ao governo a seguinte proposta para a retirada do *Audaz*:

1°. Fazel-o retirar da doca sem demora;

2°. Entregal-o a uma das divisões extrangeiras como parte neutra.

Se o governo tal não fizesse, havia de sujeitar-se ás consequencias da sua recusa, sendo-lhe marcado o prazo maximo de meia hora para responder, findo o qual, a esquadra romperia fogo contra a doca.

Essa intimação foi entregue pelo 1.º tenente Belfort ao capitão-tenente Miranda Campello, que veiu ao caes do Arsenal receber o nosso companheiro e comprometteu-se a fazer chegar sem demora a intimação ao governo.

Côrca de 3/4 de hora depois, foi a bordo do *Aquidaban* um ajudante do guarda-mór e declarou que o governo não podia aceitar a intimação, o que equivalia a dizer que não entregava o *Audaz*.

Após esta declaração, o almirante Mello deu tempo áquelle funccionario de chegar a terra, e, passados vinte minutos, o *Aquidaban* rompeu fogo com a artilheria das torres e as metralhadoras.

Os canhões assentados nos morros do Castello e de S. Bento não dispararam um unico tiro, e foi sómente depois que o *Aquidaban*, tendo cessado o fogo, se retirava para seu ancoradouro, no poço, que se resolveram a fazel-o.

Essa expedição, como algumas feitas anterior e posteriormente pela esquadra, teve resultado negativo, e isto por causa da desharmonia de vistas entre o almirante Mello e muitos officiaes e paizanos, que se achavam a bordo, e o commandante Alexandrino, que não obedecia ás ordens do chefe e se oppunha terminantemente a que se bombardeasse a cidade.

A attitude assumida por esse official não só prejudicava o prestigio do almirante, como compromettia a revolução. De que serviam as intimações feitas ao governo, se não as executavamos ao pé da lettra e nos limitavamos a pequenos tiroteios

que nenhuma vantagem nos traziam? Singular cegueira essa de não ver que a união de todos era a maior garantia da victoria contra um governo que não tinha as sympathias da maioria do povo brasileiro!

Nessa mesma tarde em que o *Aquidaban* bombardeou a doca da Alfandega e o Arsenal de Marinha, alli estavam preparados batelões para receberem o 7°. batalhão de infanteria, que tinha ordem de se apossar da Ilha das Cobras. Foi esse bombardeio que fez mallograr o plano do marechal, do qual nenhum aviso tiveramos, posso affirmal-o sem receio de contestação. A expedição do *Aquidaban* tinha unica e exclusivamente por fim o aprisionamento do *Audaz*.

Nessa mesma tarde, vimos atracar á fortaleza de Villegagnon uma lancha que trazia içada a bandeira nacional. A' vista da neutralidade do sr. Saldanha, tanto os de terra como os da esquadra toleravam o transito pela bahia das lanchas que estavam ao serviço daquelle almirante, e, por isso, nenhuma desconfiança nos causou o facto de vermos uma embarcação atracar á ponte daquella praça de guerra.

A' noite, como de costume, appareceu a bordo do *Aquidaban* o enviado de Villegagnon, que nos fez a seguinte communicação.

Naquella lancha que tinhamos visto, iam o chefe de esquadra reformado Jeronymo Gonçalves, o capitão de mar e guerra Benjamin de Cerqueira Lima o capitão-tenente Luiz de Azevedo Cadaval e os 1.os

tenentes João Soares Dutra e Sebastião Guillobel.

Recebidos estes senhores pelo 1.º tenente Sylvio Pellico, declarou-lhe o sr. Jeronymo Gonçalves que ia, de ordem do governo, assumir o commando da fortaleza e que os officiaes que o acompanhavam substituiriam a officialidade que alli se achava de serviço.

O tenente Sylvio reuniu immediatamente os seus officiaes, participou-lhes que ia entregar o commando da fortaleza ao contra-almirante, e estes accederam. Restava agora dar conhecimento dessa occorrencia á guarnição.

Dado toque de reunir, esta formou promptamente, e o tenente Sylvio declarou-lhe que acabava de passar o commando ao contra-almirante Jeronymo Gonçalves, nomeado pelo governo para substituil-o.

Da guarnição, mal ouviu esta declaração, destaca-se um 1.º sargento e, dirigindo-se ao sr. Gonçalves, declara-lhe em termos positivos que os seus camaradas não reconheciam como commandante senão o tenente Sylvio e intima-o a que se retire.

Julgando-se desrespeitado, o contra-almirante reprehende energicamente o referido sargento, que sem demora lança mão de uma arma e a aponta contra elle.

A bordo, costumamos prestar homenagem á valentia, seja mesmo praticada pelo nosso inimigo, e é com prazer que registro a calma e o sangue-frio de que por essa occasião deu provas o sr. Jeronymo

Gonçalves. Outro tanto não posso dizer dos seus quatro companheiros que, ao verem o caminho que tomavam as cousas, julgaram prudente pôrem-se a salvamento.

A' vista da attitude decidida da guarnição, o tenente Sylvio fez ver ao sr. Gonçalves que não eram os officiaes nem elle que se oppunham á ordem do governo. Então, o 1.º sargento exigiu dos enviados do marechal a entrega das espadas e das demais armas que levavam comsigo. O contra-almirante ainda quiz reagir, mas, obrigado pelas circumstancias, não teve remedio senão submetter-se á intimação e entregar as suas armas.

Querendo salvaguardar o seu procedimento e o dos officiaes, o commandante da fortaleza exigiu que o sr. Gonçalves e os seus companheiros assignassem uma declaração, salientando a recusa da guarnição e a entrega das armas, assim como o compromisso de não se empenharem mais em uma expedição daquella ordem.

Após a assignatura desse documento, cujo original tive occasião de ler, o contra-almirante retirou-se para terra com os seus companheiros, sem duvida menos encolerisado pelo máu exito da sua expedição do que pelo vexame que passára de entregar as suas armas perante a guarnição inteira.

O procedimento do tenente Sylvio foi muito commentado a bordo, extranhando-se que um homem que tantos favores devia á esquadra, de nada nos tivesse avisado e impedisse assim que realisas-

semos tão importante prisão. Foi este mais um fructo de tão singular neutralidade!

Dias depois, o tenente Sylvio mandou entregar a espada do sr. Gonçalves ao almirante Saldanha, que, por sua vez, a restituiu a seu dono, fazendo-a acompanhar de uma carta, cujo texto bem se deve avaliar qual deve ter sido!

XI

A sahida do Urano

Apezar das privações porque passámos durante essa longa lucta na bahia do Guanabara; apezar das injurias o das calumnias, que todos os dias, á mesma hora, com o mesmo odio cégo, a impronsa officiosa atirava sobre nós; apezar da dôr que sentiamos, ao ver a desharmonia e a inveja insinuarem-se entre nós e fazerem correr tão sérios perigos a victoria da causa que pleiteavamos; factos se deram de tão sublime heroismo, que tudo esqueço, para só me lembrar delles, com o orgulho de quem veste a farda do official de marinha.

Entre elles, um dos que mais onnobrecem a classe foi a sahida do *Urano*, que nem sequer mereceu as honras de uma pequena palavra de louvor por parte dos nossos inimigos!

Passo a penna a um dos heróes desso brilhanto feito, que nos vai contar toda a verdade, com a singeleza do marinheiro acostumado ao perigo.

« Na manhã de 13 de outubro, recebemos ordem de ter tudo disposto para, naquella mesma noite, forçar a barra. A officialidado do *Urano* — simples vapor mercante de madeira armado em guerra —

compunha-se das seguintes pessoas: commandante, o 1° tenente Francisco da Costa Mendes; immediato o piloto José Graça; 1° piloto Francisco Arrobas; 2° dito, M. Fortes; 1° machinista, João Braga; 2° dito, Manoel Simões Serra; 3°s ditos, Collatino Alves de Mattos e Antonio Fernandes. A tripulação compunha-se de 50 homens, incluindo foguistas, carpinteiro e marinheiros mercantes.

Iam a bordo, como passageiros, o general Piragibe, coronel João Pedro Salgado, Jacques Ouriques, tenente-coronel coronel Sebastião Bandeira, capitão-tenente Damasio, capitão Gentil Eloy de Figueiredo João dos Santos Teixeira, commissario da armada Alfredo Alvim, cirurgião-dentista Nogueira da Gama, Luiz Nunes Pires, Eduardo Barão, Ricardo Silva e outros.

O *Urano* suspendeu ferro e seguiu para a ilha do Vianna, afim de arranjar chapas de diversos tamanhos e parafusos, para o caso de qualquer eventualidade, e tratou de fechar com escoras os quarteis da camara frigorifica, que communicavam entre si, afim de poder resistir á pressão da agua, caso se enchesse um ou outro quartel.

A's 21/2 da madrugada, recebidas as ultimas instrucções do almirante Mello, que avisou o nosso commandante da existencia, fóra da barra, de uma lancha com torpedos, o *Urano* começou a mover-se sem que a nenhum de nós fosse dado prever se chegariamos sãos e salvos ao nosso destino.

Ao passarmos pela frente de Villegagnon, parte um foguete de Santa Cruz e contra nós é logo

assestada a luz do holophote da Gloria. Foi quanto bastou para que começasse o troar violento dos canhões das fortalezas. Mas, impavido, o *Urano* continuou serenamente a sua marcha em demanda da barra, sem que o alcançasse um só tiro.

Assim passámos Santa-Cruz, quando uma bala vem furar o costado do nosso navio, na direcção do tanque dagua das machinas, e, após esta, outra que, infelizmente, vára o costado, a pequena distancia da chapa da caldeira, fazendo um rombo de seis pollegadas de diametro que, provocando a sahida rapida do vapor, deixa escapar agua, em ebulição, das caldeiras. Para passarmos despercebidos e para não deixarmos apparecer a bordo nenhuma luz que nos trahisse, tinhamos fechado e coberto com encerados todas as portas e escotilhas.

O vapor concentrou-se, pois, na casa da machina, queimando assim todo o pessoal que alli estava. Seis foguistas ficaram tão horrivelmente feridos, que falleceram no dia seguinte!

Tendo-se extinguido a pressão do vapor, o *Urano* parou. Estavamos entre a fortaleza de Santa Cruz e o Pão de Assucar, isto é, em uma posição arriscadissima, pois ficavamos sujeitos ás balas de Santa Cruz, Lage, S. João, Escola Militar e de todos os fortes de fóra da barra.

Era medonho o troar da artilheria! De todos os lados, choviam balas e bombas, que tudo destruiam na sua passagem! Os gritos das victimas mutiladas cortavam o coração! Os que procuravam nadar para terra com salva-vidas, encontravam a

morte a meio caminho. Os escaleres, varados pelas balas iam a pique, e só um conseguiu chegar a Guaratiba, onde a sua guarnição foi presa, sendo mais tarde fuzilada, em Sepetiba.

Seis horas — horas que nos pareceram um seculo! — durou o martyrio, e, a cada instante, parecia-nos que o *Urano* ia a pique, carregando comnosco! Pois bem, apezar das affirmações mentirosas dos jornaes governistas, o nosso commandante nunca pediu soccorro. Quem, do passadiço, acenava com o lenço, era um marinheiro ebrio que desafiava as balas de Santa Cruz. Durante todo o tempo que ficámos parados, elle alli permaneceu, sempre gesticulando e gritando para a fortaleza, sem que uma só bala o attingisse!

Fica assim restabelecida a verdade dos factos.

Afinal, conseguiu-se descer, para ver em que estado se achava a machina e verificou-se que pouco soffrera. Fechadas as communicações, o 1º machinista ordenou que se accendessem os fogos da caldeirinha. Tendo sahido parte da agua da caldeira de prôa precipitada com o vapor da caldeira de ré, furada por bala, não foi possivel de momento lançar mão della, o que só se poude fazer depois de haver pressão na caldeirinha. Mas as chaminés estavam em tão mísero estado, que só depois de 3 horas se conseguiu obter 47 libras de pressão, e pudemos afastar-nos um pouco das fortalezas, das quaes duas, S. João e Lage, já tinham cessado o fogo.

Outro perigo surgia, porém. Era tal a quantidade de agua que entrava pelos rombos do costado,

que as bombas da machina, as auxiliares e a ção feita do porão eram insufficientes para esgo- tal-a. Ao ver o risco imminente que corria o navio, o 1° machinista, que se achava muito queimado, sóbe ao tombadilho e dá parte do que se passa. Então, a marinhagem corre a buscar travesseiros e é com elles que se consegue tapar os rombos. Afinal, pudemos seguir até á ilha Grande, onde foram feitos os concertos.

Não é possivel descrever o estado em que se achava o *Urano*, que, graças á valentia do seu commandante e á coragem e abnegação de toda a tripulação, poude escapar a tão grave perigo. No convez, só se viam cadaveres e destroços de madeiras dos camarotes; aqui, encontrava-se um braço, mais além, uma perna, e por toda a parte, poças de sangue! A bordo, foi encontrada mais de meia tonelada de balas, que nos tinham sido atiradas!

Emquanto o navio esteve parado entre Santa Cruz e o Pão de Assucar, um marinheiro içou as bandeiras nacional e ingleza a meio páu; mas era tal a confusão a bordo onde havia seguramente 400 pessoas, que nunca se poude saber como o facto se déra. O que affirmo é que o nosso commandante nunca deu similhante ordem.»

Eis narrada fielmente a sahida do *Urano*. Digam os homens de bôa fé se foi ou não um feito heroico, que merece passar á posteridade, e que ha de passar, não obstante todas as mentiras com que os nossos inimigos têm procurado amesquinhal-o...

ıs vezes um parente proximo, um
quando fomos para o mar e o açar
amos qual o inimigo que ia ter
eria que, no intimo da nossa alma
perança de vencer em poucos dias,
até, sem que fosse necessario dis-
amar uma só gotta de sangue?...
oria, ao narrar sem paixões os
la revolta de 6 de setembro, ha de
harmonia e de decisão dos revo-
em não deixará de consignar os
ue recorreu o governo do Brazil, re-
pessoa de um só homem, para pro-
ar os seus adversarios, — expedientes
a nação civilisada e que só merecem
los homens de bem.
narechal, todos os meios eram bons,
conseguisse os seus fins.
alguns delles mas a lista é tão longa,
te se exgotta. Assim é que, no pa-
ty, conferenciou com o 1° tenente
galhães, o commissario Calixto Gau-
gento Lacerda, todos pertencentes a
e pediu : ao primeiro, para que en-
lheria daquella fortaleza; ao segundo
evasse a sua guarnição, em favor do
o ultimo, sob promessa de fazel-o
biu de envenenar os caldeirões da
obres marinheiros daquella mesma
ndo ainda era neutra! Este ultimo
iás, repetido pelo contra-almirante

Manoel Lopes da Cruz, no momento em que aquelle sargento embarcava para Villegagnon.

Se consigno estes factos, apezar da sua extrema gravidade, é porque me foram narrados pelos proprios protogonistas.

Não é tudo. O governo praticou verdadeiras barbaridades que eram completamente inuteis. Para que, com effeito, incendiou o edificio da Armação, onde havia valiosissimos apparelhos de electricidade? Para que deitou fogo ao *Sete de Setembro*, ao *Madeira*, ao *Marajó*, ao *Itaóca*?

Não prejudicou com isso a Nação? Não lhe fez perder avultadas quantias? E para que tudo isso?

Quando, com o correr do tempo e á medida que as paixões se forem acalmando, se conseguir apurar toda a verdade sobre a revolta de 6 de setembro, dous factos hão de tornar-se então salientes:

O primeiro é que o marechal Floriano, proclamado grande homem pelos partidarios do momento, abusou da confiança que a Nação nelle depositára e exgottou o Thesouro com inuteis esbanjamentos.

O segundo é que, apezar das despezas que occasionou ao paiz, apezar das victimas que fez, apezar de ter sido vencida, a revolta da armada prestou ao povo brazileiro um immenso serviço, que fará perdoar os seus erros: impediu que o marechal Floriano se declarasse dictador. Não fosse ella, e talvez, a estas horas, no palacio Itamaraty, não estivesse o dr. Prudente de Moraes presidindo com tanto civismo aos destinos desta grande mas infeliz Nação!...

Em ten
Nada m ipos anormaes qualquer incide
em que nais natural, portanto, do que,
cia alli e se achava, o dr. Ruy ter julg
sou isso estava para o prender. Feliz
mente dis le susto,e, na manhã seguin
conduziu p farçado, elle poude tomar
destino ao para bordo do paquete ingl

A 3 de Rio da Prata.

desse dia, le outubro, ao recebern
se achava a mos com surpreza qu
do Rio da Pra bordo do *Magdalena*
mos disso, d ata. O nosso primei
áquelle paqu everia ter sido ma
de colhermos te uma lancha c
pois, para nós, noticias do que
tanto, tal não se soria isso de gr

A' vista dest foz.
vra para exprim desleixo (não
Barbosa e o sr. ir esse procedin
mirante Mello pa Fernando de C
Magdalena, afim de ra enviar u
dada pelo *Paiz*. Ma averiguar s
declarou logo que as o comma
inverosimil, pois qu a informaç
não podia ter comm e,com cer
car a cahir nas garra ettido a i
Climaco e o 1º tenente s do ma
e, afinal, depois de m Por Deu
uma lancha guarnecid uita de
a po

pera
saber
mente
afim
Sul,
Entre-

pala-
maco
aoal-
do do
oticia
idrino
ha era
arbosa
arris-
O dr.
pedido,
n obter
de pra-